

EXERCÍCIO TRADUTÓRIO DE UM FRAGMENTO DO ÍON, DE EURÍPIDES

SÉRGIO LUIZ GUSMÃO GIMENES ROMERO

Doutorando em Letras: Estudos Literários (UFMG)
Professor de Educação Superior (UEMG - João Monlevade/MG)
sergio.romero@uemg.br
Orientador: Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG)

O presente trabalho constitui uma amostra despretensiosa de um exercício de tradução – nada mais. Trata-se, com efeito, de uma versão *brasileira* do prólogo – discurso inicial do deus Hermes – e de parte do introito, em que entra em cena o protagonista, da tragédia *Íon*, de Eurípides, ou seja, os primeiros cento e onze versos; cuja transposição para a nossa língua se deu no contexto da disciplina “Seminário de Literaturas Clássicas e Medievais: Traduzir tragédia com Guimarães Rosa”, oferecida pela professora Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa ao longo do segundo semestre de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG.

Esse processo, complexo e multifacetado, liderado pela professora Tereza Virgínia e em que ora me incluo, consiste, na verdade, em um desdobramento do trabalho mais amplo levado a cabo pela Truversa, “Trupe de Tradução de Teatro Antigo”, que, desde 2009 quando foi criada, vem se dedicando a traduzir e encenar alguns dos maiores clássicos do drama ático. Nas palavras da própria professora Tereza Virgínia e da atriz, pesquisadora e diretora de teatro Anna Mosca:

O foco dessa grande empreitada é exercitar a tradução de textos áticos numa dicção brasileira e contemporânea, de modo coletivo e com o compromisso de encenar o texto alcançado e fazer ajustes se a cena exigir. As etapas do processo são simultâneas. O coletivo é constituído por um grupo heterogêneo de filólogos e helenistas, artistas, técnicos, discentes e docentes. (...) Nesses dez anos de funcionamento, a configuração da Truversa é, contingente e propositalmente, flutuante, (...) (2019, p. 13-14).

A dinâmica empregada pela Truversa, segundo as mesmas autoras (2019, p. 15), desenvolve-se ao longo de aproximadamente quatro anos – dois dedicados à tradução e outros dois à montagem de cada tragédia – e já levou ao palco as peças *Medeia*, *Hécuba* e *Orestes* de Eurípides, além de ter publicado, pela Ateliê Editorial, as traduções efetuadas pela trupe das três citadas tragédias.

Entre as especificidades do trabalho desenvolvido pelo grupo – que, diga-se de passagem, tem promovido uma reconfiguração de debates essenciais relativos à difusão, tradução e recepção da tragédia ática no contexto brasileiro –, convém destacar o preceito fundamental do trabalho coletivo em todos os processos, incluído aí, o tradutório: “Sim, desde a leitura, interpretação e versão do grego para o português brasileiro, porque, no transporte de uma língua para outra, a troca convival é salutar; torna o texto mais carnal, vivo, variado” (BARBOSA; MOSCA, 2019, p. 14).

Outro ponto a ser observado é a proposição de se transcender os limites histórico-culturais por meio da dissolução crítica e consciente das barreiras discursivas tanto brasileiras quanto helênicas. Nesse sentido, a adoção dessa perspectiva se revela capaz de inocular na língua portuguesa, por meio da tradução, o influxo expressivo renovador latente no original – em consonância, nos parece, com a lição de Walter Benjamin em seu clássico ensaio: “A tarefa do tradutor é redimir, na própria, a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação [*Umdichtung*]. Em nome da pura língua, o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da sua própria língua (...)” (2013, p. 117).

Nesse sentido, convém buscar – sobretudo coletivamente – novas respostas a antigas perguntas:

E como *desmecanizar* intelectualmente a tradução? Na prática, quebrando automatismos. É preciso que, em textos poéticos, φύσις seja sempre traduzido por natureza? Por que não “fibra”? E ψυχή, por “alma” – por que não “respiro” ou “alento”? Ou δαίμων, “divindade”, por “índole”? O sentido das palavras é criado por elas mesmas junto de suas vizinhas. Não optar pelo majoritário, cristalizado ou predominante é defender a diferença poética que devolve ao texto sua força libertária e libertadora (BARBOSA, 2017, p. 16-17).

No presente trabalho, buscou-se explorar, ainda que de forma incipiente, algumas possibilidades tradutórias que, a despeito de inusuais, nos parecem singularmente produtivas e cujo emprego almeja justamente essa recuperação da “força libertária e libertadora” do texto; além de, segundo a lição benjaminiana, romper “as barreiras apodrecidas” de nossa própria língua por meio do traduzir. Sob esse viés, empregamos, por exemplo, neologismos e metaplasmos, mas também vocábulos originários do universo religioso das tradições brasileiras de matriz africana, buscando – também em tônica benjaminiana – diagnosticar certas *correspondências* ou reciprocidades latentes em distintos universos espirituais.

Mais uma vez, subscrevemos aquilo que Tereza Virgínia R. Barbosa preconiza no que diz respeito ao traduzir:

Arrematando, resta alcançar traduções em constante movimento e mutação, formigamentos incessantes, alternados com fluxos de calma e rompantes, nos círculos concêntricos crescentes que vão do nível dos parágrafos e cenas à totalidade do drama (2019, p. 378).

Por fim, convém assinalar que a tradução que aqui se apresenta segue a edição de Gilbert Murray (2013), disponibilizada pelo *Perseus Digital Library* (www.perseus.tufts.edu) e de livre acesso.

TEXTOS & TRADUÇÃO

Ἑρμῆς

- Ἄτλας, ὁ χαλκείοισι † νότοις οὐρανὸν
 θεῶν παλαιὸν οἶκον ἐκτρίβων, θεῶν
 μιᾶς † ἔφυσσε Μαΐαν, ἣ ‘μ’ ἐγένετο
 Ἑρμῆν μεγίστῳ Ζηνί, δαιμόνων λάτριν.
 5 ἦκω δὲ Δελφῶν τήνδε γῆν, ἴν’ ὀμφαλὸν
 μέσον καθίζων Φοῖβος ὕμνωδεῖ βροτοῖς
 τά τ’ ὄντα καὶ μέλλοντα θεσπίζων ἀεὶ.
 ἔστιν γὰρ οὐκ ἄσημος Ἑλλήνων πόλις,
 τῆς χρυσολόγῃ Παλλάδος κεκλημένη,
 10 οὗ παῖδ’ Ἑρεχθέως Φοῖβος ἔξευξεν γάμοις
 βία Κρέουσαν, ἔνθα προσβόρρους πέτρας
 Παλλάδος ὑπ’ ὄχθῳ τῆς Ἀθηναίων χθονὸς
 Μακρὰς καλοῦσι γῆς ἀνακτες Ἀτθίδος.
 ἀγνώως δὲ πατρί — τῷ θεῷ γὰρ ἦν φίλον —
 15 γαστρὸς διήνεγκ’ ὄγκον. ὡς δ’ ἦλθεν χρόνος,
 τεκοῦσ’ ἐν οἴκοις παῖδ’ ἀπήνεγκεν βρέφος
 ἐς ταῦτόν ἄντρον οὐπὲρ ἠνύασθη θεῷ
 Κρέουσα, κάκτιθῆσιν ὡς θανούμενον
 κοίλης ἐν ἀντίπηγος εὐτρόχῳ κύκλῳ,
 20 προγόνων νόμον σφάζουσα τοῦ τε γηγενοῦς
 Ἑριχθονίου. κείνῳ γὰρ ἡ Διὸς κόρη
 φρουρῶ παραζεύξασα φύλακε σώματος
 δισσῶ δράκοντε, παρθένοις Ἀγλαυρίσι
 δίδωσι σφάζειν: ὅθεν Ἑρεχθεΐδαις ἐκεῖ
 25 νόμος τις ἔστιν ὄφασιν ἐν χρυσηλάτοις
 τρέφειν τέκνα. ἀλλ’ ἦν εἶχε παρθένος χλιδὴν
 τέκνῳ προσάψασ’ ἔλιπεν ὡς θανουμένῳ.
 κάμ’ ὦν ἀδελφὸς Φοῖβος αἰτεῖται τάδε:
 ὦ σύγγον’, ἐλθὼν λαὸν εἰς αὐτόχθονα
 30 κλεινῶν Ἀθηνῶν — οἴσθα γὰρ θεᾶς πόλιν —
 λαβὼν βρέφος νεογνὸν ἐκ κοίλης πέτρας
 αὐτῷ σὺν ἄγγει σπαργάνοισί θ’ οἷς ἔχει

ἔνεγκε Δελφῶν τὰ μὰ πρὸς χρηστήρια,
 καὶ θὲς πρὸς αὐταῖς εἰσόδοις δόμων ἔμῶν.
 35 τὰ δ' ἄλλ' — ἐμὸς γὰρ ἔστιν, ὡς εἰδῆς, ὁ παῖς —
 ἡμῖν μελήσει. Λοξία δ' ἐγὼ χάριν
 πρᾶσσω ἀδελφῶ πλεκτὸν ἐξάρας κύτος
 ἦνεγκα, καὶ τὸν παῖδα κρηπίδων ἔπι
 τίθημι ναοῦ τοῦδ', ἀναπτύξας κύτος
 40 ἑλικτὸν ἀντίπηγος, ὡς ὀρθῶθ' ὁ παῖς.
 κυρεῖ δ' ἄμ' ἱππεύοντος ἡλίου κύκλω
 προφήτις ἐσβαίνουσα μαντεῖον θεοῦ:
 ὄψιν δὲ προσβαλοῦσα παιδὶ νηπίῳ
 ἐθαύμασ' εἴ τις Δελφίδων τλαίη κόρη
 45 λαθραῖον ὠδῖν' ἐς θεοῦ ῥῖναι δόμον,
 ὑπέρ τε θυμέλας διορίσαι πρόθυμος ἦν:
 οἴκτῳ δ' ἀφήκεν ὠμότητα — καὶ θεὸς
 συνεργὸς ἦν τῷ παιδὶ μὴ ἔκπεσεῖν δόμων —
 τρέφει δὲ νιν λαβοῦσα. τὸν σπεύραντα δὲ
 50 οὐκ οἶδε Φοῖβον οὐδὲ μητέρ' ἧς ἔφυ,
 ὁ παῖς τε τοὺς τεκόντας οὐκ ἐπίσταται.
 νέος μὲν οὖν ὦν ἀμφὶ βωμίους τροφὰς
 ἤλατ' ἀθύρων: ὡς δ' ἀπηνδρώθη δέμας,
 Δελφοὶ σφ' ἔθεντο χρυσοφύλακα τοῦ θεοῦ
 55 ταμίαν τε πάντων πιστόν, ἐν δ' ἀνακτόροις
 θεοῦ καταζῆθευρ' ἀεὶ σεμνὸν βίον.
 Κρέουσα δ' ἠ τεκοῦσα τὸν νεανίαν
 Ξούθῳ γαμεῖται συμφορᾶς τοιαῶσδ' ὕπο:
 ἦν ταῖς Ἀθήναις τοῖς τε Χαλκωδοντίδαις,
 60 οἱ γῆν ἔχουσ' Εὐβοῖδα, πολέμιος κλύδων:
 ὃν συμπονήσας καὶ συνεξελὼν δορὶ
 γάμων Κρεούσης ἀξίωμ' ἐδέξατο,
 οὐκ ἐγγενῆς ὦν, Αἰόλου δὲ τοῦ Διὸς
 γεγῶς Ἀχαιός. χρόνια δὲ σπεύρας λέχη
 65 ἄτεκνός ἐστι, καὶ Κρέουσ': ὦν οὖνεκα
 ἦκουσι πρὸς μαντεῖ' Ἀπόλλωνος τάδε
 ἔρωτι παίδων. Λοξίας δὲ τὴν τύχην
 ἐς τοῦτ' ἐλαύνει, κοῦ λέληθεν, ὡς δοκεῖ.
 δώσει γὰρ εἰσελθόντι μαντεῖον τόδε
 70 Ξούθῳ τὸν αὐτοῦ παῖδα, καὶ πεφυκέναι
 κείνου σφε φήσει, μητρὸς ὡς ἐλθὼν δόμους
 γνωσθῆ Κρεούση, καὶ γάμοι τε Λοξίου
 κρυπτοὶ γένωνται παῖς τ' ἔχη τὰ πρόσφορα.
 Ἴωνα δ' αὐτόν, κτίστορ' Ἀσιάδος χθονός,
 75 ὄνομα κεκληῆσθαι θήσεται καθ' Ἑλλάδα.
 ἀλλ' ἐς δαφνώδη γύαλα βήσομαι τάδε,

τὸ κρανθὲν ὡς ἄν ἐκμάθω παιδὸς πέρι.
 ὀρῶ γὰρ ἐκβαίνοντα Λοξίου γόνον
 τόνδ', ὡς πρὸ ναοῦ λαμπρὰ θῆῃ πυλώματα
 80 80 δάφνης κλάδοισιν. ὄνομα δ', οὗ μέλλει τυχεῖν,
 Ἴων' ἐγὼ νιν πρῶτος ὀνομάζω θεῶν.

Ἴων
 ἄρματα μὲν τάδε λαμπρὰ τεθρίππων
 Ἥλιος ἤδη λάμπει κατὰ γῆν,
 ἄστρα δὲ φεύγει πυρὶ τῶδ' αἰθέρος
 85 85 ἐς νύχθ' ἱεράν·
 Παρνησιάδες δ' ἄβατοι κορυφαὶ
 καταλαμπόμεναι τὴν ἡμερίαν
 ἀψίδα βροτοῖσι δέχονται.
 σμύρνης δ' ἀνύδρου καπνὸς εἰς ὀρόφους
 90 90 Φοίβου πέταται.
 θάσσει δὲ γυνὴ τρίποδα ζάθεον
 Δελφίς, ἀείδουσ' Ἑλλησι βοάς,
 ἄς ἄν Ἀπόλλων κελαδήσῃ.
 ἀλλ', ὦ Φοίβου Δελφοὶ θέραπες,
 95 95 τὰς Κασταλίας ἀργυροειδεῖς
 βαίνετε δίνας, καθαραῖς δὲ δρόσοις
 ἀφυδρανάμενοι στείχετε ναοῦς·
 στόμα τ' εὐφημον φρουρεῖν ἀγαθόν,
 φήμας τ' ἀγαθὰς
 100 100 τοῖς ἐθέλουσιν μαντεύεσθαι
 γλώσσης ἰδίας ἀποφαίνειν.
 ἡμεῖς δέ, πόνους οὓς ἐκ παιδὸς
 μοχθοῦμεν αἰεὶ, πτόρθοισι δάφνης
 στέφεσίν θ' ἱεροῖς ἐσόδους Φοίβου
 105 105 καθαρὰς θήσομεν, ὑγραῖς τε πέδον
 ράνισιν νοτερόν· πτηνῶν τ' ἀγέλας,
 αἷ βλάπτουσιν σέμν' ἀναθήματα,
 τόξοισιν ἐμοῖς φυγάδας θήσομεν·
 ὡς γὰρ ἀμήτωρ ἀπάτωρ τε γεγώς
 110 110 τοὺς θρέψαντας
 Φοίβου ναοὺς θεραπεύω.

Hermes

- Atlas car-comendo¹ co'o coro bronzeado
 a cóupula² celeste, dos deuses velha moradia,
 duma deusa gerou Maia; e esta, graças a Zeus-Açu³,
 pariu a mim, Hermes, informante dos entes.
- 5 Ao chão de Delfos venho, onde Febo se assenta
 no meio-umbigo do mundo e às criaturas ensoa
 o vir e o sobrevir, profetizando todo santo dia.
 Veja, não é desfamada a helena cidade
 por Palas do dourado pique batizada,
- 10 em que à força Febo tomou Creusa, filha
 de Ericteu; onde as rochas encaram o vento norte,
 lá no sopé da colina ateniense, Altas Terras,
 os principais do solo ático as denomeiam.
 Sem que seu pai atinasse – foi a vontade de deus –
- 15 Creusa guentou no ventre o fardo. Tempos idos,
 em casa desgravidou; a criança, Creusa largou
 na gruta mesma em que o deus a subjagara.
 Aí desdeixou o menino, por môr de morrer,
 no orbículo fundo dum cesto arredondo,
- 20 soência de seus antepassados e qual Ericção,
 do chão brotado. Mas a filha de Zeus botou a criança
 sob resguardo de duas serepentes-sentinelas⁴
 e a confiou às filhas de Aglauro que a tivessem
 sã e salva. Vai daí que o clã de Erecteu tenha
- 25 lá seu o uso de criar filhos com serpes
 em ouro forjadas. A moça, atando à criança
 enfeites que trazia, deixou-a para morrer.
 Mas, sendo meu irmão, rogou-me Febo:
 “Sangue de meu sangue, vai ao povo autóctone
- 30 da notável Atenas – sabes o arraial da deusa –
 apanha o recém-nascido da cava penha
 com cesto e fralda que ele traz consigo,
 e o carrega até o oráculo meu de Delfos,
 larga ele lá no portal da minha morada.
- 35 O resto – saibas, pois, que é minha a cria –
 por minha conta fica.” Eu, no favorável de Lóxias,
 mano meu, apanhei o balaio entramado,
 carreguei, e no sobpé do santuário

1 A escolha do verbo “carcomer” remete ao atrito de caráter libidinoso entre o corpo do gigante e a divindade celeste Plêione a partir do qual teria nascido Maia. A segmentação do verbo em “car-comendo” visa reforçar o caráter sexual da ação para o que também concorre a tradução de “νώτοις” por “lombo”.

2 Aqui, o neologismo “cóupula”, a partir de um metaplasmo desviante, incorpora “cúpula” (οὐρανὸν) e cópula, a fim de, mais uma vez, reforçar o caráter libidinal do quadro de abertura.

3 Optamos por traduzir “μεγίστω Ζηνί” recorrendo ao termo de origem tupi “açu” presumivelmente reconhecível para o leitor haja vista sua significativa presença no vocabulário brasileiro.

4 O metaplasmo “serepente” é empregado por Guimarães Rosa. Aqui aparece combinado com “sentinelas”.

botei o menino, desvelando a dobrada
 40 fresta do berço pra que a criança se visse.
 Raia o disco-sol carreia ao tempo mesmo
 em que a profetiza o divo templo adentra
 e ao dar c'os olhos no miudinho
 pasmou-se que uma guria de Delfos ousasse
 45 disfarçante largar no gongá⁵ seu doído fruto;
 e do sacrário dispunha-se a deitá-lo fora.
 A pena, porém, apartou a cruz – e o deus
 era consente co'a cria não arredar do congá –
 então ela o apanhou e nutriu. Mas que o semeador
 50 era Febo e com a mãe de que brotou não atinava;
 e também o guri sua origem nem não sabia.
 De pequeno, ao rés dos pejís⁶ que o nutriam
 pagodeava ao léu; feito homem-feito,
 os délfios o transfizeram tesoureiro divino
 55 e chefe leal da coisa toda. No ilê⁷ do deus,
 toca a vida pra frente inda hoje santificado.
 Já Creusa, aquela que pariu o moço,
 com Xuto se enlaçou sob esta sina sorte:
 estavam Atenas e calcodôntidas, gentes de
 60 terra eubeia, em remoinho de pé de guerra.
 Ele tomou parte na valia de sua haste
 e o casório com Creusa foi a prenda paga,
 nativo não era não, mas por Éolo de Zeus
 nato aqueu. Tempo muito fecunda o ninho,
 65 mas infértil resta ele mais Creusa. Por causa
 de que acodem até este orago apolínio
 desejanter de rebentos. Parece que Lóxias
 não dá ponto sem nó nem dorme no ponto.
 Mire, achegado neste ilê, dará seu próprio
 70 fruto a Xuto, e sêmel deste mesmo lhe dirá
 que é; modo que, uma vez na mátria morada,
 o reconheça Creusa; o coito de Lóxias fique
 segredado e o filho disponha do que convém.
 Íon, desbravador de asianos domínios,
 75 nome e renome fará então por toda a Hélade.
 Mas então neste fundo-mato de loureiros
 entrarei a saber que é feito do menino.
 Vejo: vem vindo de Lóxias o gomo
 pra rebrilhar o limiar do santuário
 80 com loiros ramos. O nome destinado a ele,
 Íon, eu dentre deuses antes denomino.

5 O vocábulo “gongá”, assim como a variante “congá”, no v. 48, designa o espaço consagrado à atuação de orixás em tradições religiosas de matriz africana presentes no Brasil. Aqui, ambos foram empregados como sinônimos de “templo” na tradução de “δῶμος”.

6 “Pejí” pertence também ao léxico religioso de raiz afro-brasileira e designa “altar”.

7 Outra palavra oriunda de tradições religiosas afro-brasileiras, “ilê” foi empregado na tradução de “ἱερόν” (santuário, templo).

Íon

Óia o carro lampiante quadrequino!
Hélios lampeja já por sobre a terra,
e a estrelada zarpa do céu inflamado
85 pra santa noite.
Do Parnaso imaculados cumes
resplandejantes a diurna trama
pros mortais ampara.
De mirra resseca, fumarada até as lajes
90 de Febo revoa.
Assenta-se a mulher délfia na trípode
santíssima e pros gregos verseja os brados
tal e qual rebrame Apolo.
Mas, ó délfios devotos de Febo,
95 bora lá pros redemunhos de prata
da Castália e, na imaculada água
lavados, sigam, pois, pra casa de deus.
Guardem serenos e benditos lábios,
e agoiros ditosos
100 – a quem carece divinação –
relatem co’as próprias línguas.
Pra gente, ofícios: o devido desde o berço
e toda-vida; coa vassoura de louro
e bentas coroas, as veredas de Febo
105 purgadas se põem e o chão chuviscado
de semeados pingos d’água. E a passarinhada
que esborra o ebó consagrado
na frechada enxoto daqui.
Assim, veja, desprovido de pai e mãe,
110 mas cuidado por este,
congá de Febo de que cuido eu.

FONTES

EURIPIDES. Íon. In: EURIPIDES. *Euripidis Fabulae*, vol. 2. Gilbert Murray. Oxford: Clarendon Press, 1913. Disp. em < <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>. Acesso em 18 set 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5 volumes. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

BARBOSA, T. V. R.. Auscultar Rosa, ouvir os clássicos. *Classica*, v. 32, n. 2, p. 369-379, 2019.

_____. Prefácio – 2º sinal: traduzindo e fazendo teatro antigo In: EURÍPIDES. *Orestes*. Trupersa: Trupe de Tradução de Teatro Antigo. Dir. de tradução: Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

BARBOSA, T. V. R.; MOSCA, A. Tragédia grega, sim, por que não? Relato de uma experiência. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, v. 6, n. 2, p. 12-25, 2018.

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor In: BENJAMIN, W. *Escritos sobre mito e linguagem*. Org. Jeanne Marie Gagnebin. Trad. Susana K. Lages; Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

BORBA, F. S. (org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; STUART JONES, H. *A greek-english lexicon*. Oxford: Clarendon, 1996.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M.C.C.; NEVES, M. H. M. (coord.) *Dicionário grego-português*. Vol. I. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

_____. *Dicionário grego-português*. Vol. II. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Dicionário grego-português*. Vol. III. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

_____. *Dicionário grego-português*. Vol. IV. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

_____. *Dicionário grego-português*. Vol. V. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.